

# **Primo Levi para além do jaleco: a imagem pública do químico, escritor e sobrevivente de Auschwitz**

## **Primo Levi beyond the lab coat: the public image of the chemist, writer and survivor of Auschwitz**

**Carlos Sérgio Leonardo Júnior**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
carlos.leonardo@unesp.br

**Luciana Massi**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
luciana.massi@unesp.br

**Rafaela Valero da Silva**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
rafaela.valero@unesp.br

### **Resumo**

A imagem do cientista é um tema que tem sido estudado e denunciado nas discussões sobre Natureza da Ciência. Mesmo assim, ela ainda é representada e entendida na sociedade de forma estereotipada, sendo os cientistas homens brancos e inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade. Entendemos que o químico e escritor Primo Levi (1919-1987), sobrevivente de Auschwitz, representa um importante contraponto dessa percepção. Assim, o objetivo deste trabalho foi investigar como Levi pode contribuir para uma imagem pública menos distorcida por meio dos seus artigos, ensaios e entrevistas. Seus textos e falas revelaram a importância da criatividade para a Ciência, contextos em que o cientista nem sempre contribuiu para o bem da humanidade e características mais fiéis ao trabalho não neutro do cientista. Por meio de seu duplo ofício, Levi foi capaz de abordar temáticas para além da Química, fruto da sua formação humanística e da sua experiência na prisão.

**Palavras chave:** Primo Levi, Natureza da Ciência, Filosofia da Química, imagem pública, estereótipos

### **Abstract**

The scientist's image is a theme that has been studied and denounced in discussions on Nature of Science. Even so, it is still represented and understood in society in a stereotyped way, with scientists being white and intelligent men who do useful things to humanity. We understand that the chemist and writer Primo Levi (1919-1987), survivor of Auschwitz, represents an important counterpoint to this perception. Thus, the aim of this article was to investigate how Levi may contribute to a less distorted public image through his articles, essays and interviews. His texts and speeches revealed the importance of creativity for Science, contexts in which the scientist has not always contributed to the good of humanity and characteristics more faithful to the non-neutral work of the scientist. Through his double profession, Levi was able to

approach topics beyond Chemistry, which is the result of his humanistic education and his experience in prison.

**Key words:** Primo Levi, Nature of Science, Philosophy of Chemistry, public image, stereotypes

## Visões de Ciência e a imagem pública do químico

A Natureza da Ciência (NdC) vem sendo discutida há muitos anos na pesquisa em Educação em Ciências, passando por diferentes vertentes e contribuindo fundamentalmente para o avanço da área, sendo hoje parte integrante de quase todos os currículos de Ciência no mundo (BEJARANO; ADURIZ-BRAVO; BONFIM, 2019). Dentre os diversos temas incluídos nas discussões sobre NdC, a imagem do cientista vem sendo estudada e denunciada, desde a década de 1950, em função de suas distorções e potencialidade para aproximar os alunos da Ciência (MEAD; METRAUX, 1957). Foi popularizado na área o Draw-a-Scientist Test (DAST), que, mesmo após 50 anos de desenhos, reitera resultados dos primeiros estudos (MEAD; METRAUX, 1957; CHAMBERS, 1983; FINSON, 2002): o cientista é visto como um homem, branco, europeu, genial, que trabalha sozinho, tem dificuldades de comunicação e relacionamento interpessoal, está sempre de óculos e de jaleco fazendo experimentos explosivos e perigosos. Essa imagem é reforçada pela mídia, principalmente nos desenhos e filmes infantis (TOMAZI *et al.*, 2009). Uma pesquisa nacional recente, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), respondida por métodos amostrais por 2200 pessoas sobre a percepção pública da Ciência, identificou que 41% da amostra veem os cientistas como “pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade” (BRASIL, 2019).

Em um levantamento bibliográfico realizado por Lemes e Porto (2013), os autores identificaram as questões mais discutidas na área da Filosofia da Química, entre elas, a imagem pública dessa Ciência. Os autores identificaram que, historicamente, a Química passou de uma imagem ligada aos bens de consumo (década de 1930) a uma imagem de culpabilização pela poluição ambiental (período pós-guerra entre 1950 e 2000). Também identificaram a influência do discurso da Química, com base em Sjöström (2007), que ressalta que “O discurso da química está baseado em objetivismo, positivismo, reducionismo molecular, e racionalismo, mas tais visões são adotadas sem reflexão a respeito” (LEMES; PORTO, 2013, p. 133). Entendemos que essas características da imagem pública da Química acabam refletindo na imagem do químico.

Primo Levi (1919-1987) representa um importante contraponto dessa visão do cientista e do químico como alguém distante da sociedade e preocupado apenas com o seu bem. Embora não tenha desenvolvido estudos que contribuíram para o avanço do conhecimento químico — exceto a publicação de algumas patentes decorrentes do seu trabalho na fábrica de tintas —, sua imagem social de químico e escritor, que durante toda a vida se preocupou com os Direitos Humanos, pode ter ampliado a percepção pública do químico. Assim, nosso objetivo neste trabalho é investigar como Primo Levi, por meio dos seus artigos, ensaios e entrevistas, pode contribuir para uma imagem pública da Química e do químico mais ampliada e menos estereotipada. Para isso, apresentaremos uma breve biografia de Levi seguida das análises de seus textos e falas.

## Primo Levi: o escritor não escritor

Primo Michele Levi nasceu em 1919, na cidade de Turim, Itália. Foi um químico e escritor que, desde criança, se interessou pelas áreas do conhecimento químico, físico e biológico. Levi cresceu em um ambiente que valorizava a leitura porque seu pai, Cesare, era um leitor assíduo e “comprava livros ao acaso” (LEVI; REGGE, 2012, p. 41), além de encorajar as atividades científicas (LEVI, 2016).

A sua natureza híbrida, que une as “duas culturas” nasce de uma educação humanística da escola média, mas também das leituras no ambiente familiar, que lhe proporcionaram o contato com autores clássicos, às vezes muito diversos entre si: Dante, Leopardi, autores judaicos, moralistas, poetas dialetais, escritores de aventura e, enfim, cientistas (MACIERA, 2019, p. 99-100).

Levi cresceu em um contexto sócio-histórico fascista, e sua vida foi influenciada por esse regime autoritário. Seu interesse pela Química tinha, ainda, um outro impulso: essa era uma Ciência que não estava contaminada pela ideologia fascista e, por isso, poderia servir como resistência.

[...] como podia ignorar que a química e a física de que nos nutríamos, além de alimentos vitais por si mesmos, eram *antídoto ao fascismo* que ele e eu buscávamos, porque eram claras e distintas, a cada passo verificáveis, e não tecidas de mentiras e vaidades, como o rádio e os jornais? (LEVI, 1994, p. 47-48, grifo nosso).

Em 1943, Primo Levi foi preso e levado ao campo de Fòssoli, na Itália, e depois transferido para o complexo de campos de concentração de Auschwitz, onde sobreviveu durante onze meses (LEVI, 1988). Enquanto estava na prisão nazista, alguns eventos colaboraram para a sua sobrevivência, como a possibilidade de exercer o trabalho de químico em um laboratório que funcionava dentro do *Lager*<sup>1</sup>.

Após o repatriamento, Levi tornou-se escritor, iniciando com a literatura de testemunho e posteriormente aventurando-se em outros gêneros literários, como o romance e a ficção científica. Por aproximadamente 30 anos de sua vida, Primo Levi trabalhou como químico em uma fábrica de vernizes ao mesmo tempo que se dedicava à escrita. O italiano foi um escritor reconhecido ainda em vida e recebeu prêmios pelas suas obras. Teve livros adaptados para teatro e radionovelas que também foram laureados (THOMSON, 2002). À medida que era reconhecido, Levi foi sendo considerado um intelectual. Ele escrevia para jornais, publicando narrativas e ensaios que posteriormente seriam reunidos em livros.

Primo Levi também se dedicou à divulgação da Ciência, abordando temas e conteúdos principalmente da Química e da Biologia. Participava de palestras, conferências e viagens associadas aos prisioneiros dos campos de concentração. Visitava e participava de conselhos de escolas, ministrava palestras para os jovens que se mostravam abertos a entender sobre as condições do *Lager* (THOMSON, 2002). O trabalho de Levi atingiu grandes proporções, para além da Europa, e suas obras foram traduzidas para mais de 40 línguas (LEVI; SOAVE, 2020).

O químico e escritor é associado a movimentos intelectuais como o humanismo, positivismo e iluminismo (DRUKER, 2009; MALEWITZ, 2016). Além de serem bases para a escrita de Levi,

---

1 A palavra para “campo de concentração” em alemão é *Konzentrationslager*. Lager, portanto, é uma palavra usual que encontramos em textos que tratam de Auschwitz.

esses ideais são uma busca do escritor por princípios universais que vão além do racismo e da segregação nazista (MALEWITZ, 2016).

Considerando a nossa preocupação em captar indícios da percepção pública do químico, neste trabalho, analisaremos artigos e ensaios escritos por Primo Levi, bem como entrevistas que ele concedeu, por entendermos que se trata de textos/falas que tiveram uma circulação pública mais ampla, uma vez que foram publicados em diversas mídias, como jornais e revistas.

## **A ruptura paranoica e assimétrica de Primo Levi**

Primo Levi enfatizava a natureza miscível dos seus ofícios, apresentando-se como um centauro, um híbrido, uma vez que era químico e escritor. Em uma entrevista concedida a Edoardo Fadini em 1966 (LEVI, 1997), ao falar sobre os seus contos de ficção científica, Levi afirma:

Eu sou um anfíbio, um centauro. E me parece que a ambiguidade da ficção científica reflete o meu destino atual. Estou dividido em duas metades. Uma é a da fábrica, em que sou um técnico, um químico. A outra, no entanto, é totalmente separada da primeira, e é uma na qual eu escrevo, respondo a entrevistas, trabalho minhas experiências passadas e presentes. São realmente duas metades de cérebros. É uma ruptura paranoica (LEVI, 1997, tradução nossa).

Na mesma entrevista, Levi ainda alega a dificuldade de conciliar os dois ofícios: o trabalho como químico técnico e o trabalho como químico escritor. Esse conflito reflete a sua dificuldade de conciliar a imaginação e a fantasia com o trabalho na fábrica, alegando que as narrativas que produzia sobre o ofício técnico eram as piores. Essa percepção de Levi ajuda a sustentar discussões atuais sobre o papel da criatividade na Ciência, mostrando como ela é fundamental para a inovação e para a ruptura (BEJARANO; ADURIZ-BRAVO; BONFIM, 2019).

A formação química de Primo Levi não transparece apenas em obras nas quais a Ciência e a Química são temas centrais, mas também quando o autor assume postura de observador, estudioso (MAIA, 2017). Segundo Åhr (2011, p. 350), Levi se esforça para “ser retórico e transparente, uma técnica aperfeiçoada pela ciência”. Ele favorece palavras das classes de substantivos e verbos em detrimento de adjetivos e advérbios, evitando qualificações (MOTOLA, 1991; ÅHR, 2011). Percebemos, então, que ele não assume posição de contrapor seus ofícios de químico e escritor, mas sim de os fundir. Como o próprio Levi (2016, p. 175) admitia: “escrevo porque sou químico. Minha profissão me serve para comunicar experiências”.

Em entrevista concedida a Virgilio Lo Presti em 1979 (LEVI, 1997), Levi argumenta a respeito do progresso da humanidade, considerando-o controverso, pois embora as doenças infecciosas tivessem diminuído devido à Ciência, a fome estava cada vez maior. Em sua resposta, toca ainda em uma questão pouco discutida: a moral. “É certo que em outros campos não há progresso: por exemplo, não há progresso moral, não somos mais morais hoje do que cem ou mil anos atrás [...]” (LEVI, 1997, tradução nossa). Esses e outros textos do escritor, como o seu famoso relatório sobre Auschwitz escrito com um médico também ex-prisioneiro (LEVI; DE BENEDETTI, 2015), evidenciam a contradição nas relações entre Ciência e Sociedade, destacando contextos em que o cientista nem sempre contribuiu para o bem da humanidade (BEJARANO; ADURIZ-BRAVO; BONFIM, 2019).

Nas entrevistas, Levi costumava falar do seu trabalho na fábrica de vernizes, revelando os bastidores deste ofício que, embora fosse técnico e envolvesse mais burocracia em documentos

e assinaturas do que práticas laboratoriais, reservava desafios perigosos e desafiadores, como o episódio relatado em entrevista concedida a Enrico Boeri em 1983 (LEVI, 1997):

Todos os químicos sabem que existe o perigo da eletricidade estática [...]. Eu não sabia que o perigo também existe nos líquidos: um hidrocarboneto fluído em um tubo de ferro pode pegar fogo devido à eletricidade estática [...]. Tínhamos grandes tanques de solvente na fábrica: tolueno, xileno, hexano, etc. O que aconteceu foi meu erro profissional: por conveniência, [...] mandei fazer um longo tubo de amostragem que ia para além do muro de contenção. Durante anos nada aconteceu [...]. Mas uma vez, no auge do verão, o tolueno pegou fogo ao sair do cano (LEVI, 1997, tradução nossa).

Embora Levi fosse um homem branco, europeu e que usava óculos, ao falar desses episódios, ele pode ter contribuído para a construção no imaginário público de uma imagem menos estereotipada acerca da sua profissão (MEAD; METRAUX, 1957; CHAMBERS, 1983; FINSON, 2002): o químico como indivíduo que também erra e não tem o conhecimento de tudo, e o seu ofício como um trabalho mais coletivo, comunicativo e não limitado à manipulação de vidrarias e reagentes no laboratório.

A obra póstuma *A assimetria e a vida* (LEVI, 2016) reúne artigos e ensaios, além de prefácios, escritos por Levi entre os anos de 1955 e 1987, publicados em diversos jornais italianos, principalmente no *La Stampa*. Ao invés de se limitar a falar apenas de conteúdos químicos, o que costuma ser esperado de um químico, Levi aborda diversas temáticas que envolvem outras esferas do conhecimento, como a História, a Literatura, a Linguística e a Filosofia, e apresenta-se mais como um cientista que fala de Ciência ou um cientista que sobreviveu a Auschwitz e que pode falar com propriedade sobre o assunto.

A obra é dividida em duas partes: “Buraco negro de Auschwitz” e “Profissões alheias”. Nos textos da primeira parte, o autor mostra-se indignado e preocupado com o crescente esquecimento das atrocidades ocorridas nos campos de concentração, bem como a distorção de fatos históricos e a sua banalização. Haveria uma força, como a força do campo gravitacional de um buraco negro, que estaria absorvendo os feitos nazistas para o “poço” profundo do esquecimento.

Dez anos depois da libertação dos campos de concentração, é triste e significativo constatar que, pelo menos na Itália, o assunto, em vez de ter se tornado história, está caindo no mais completo esquecimento. [...] Não é lícito esquecer, não é lícito calar. Se calarmos, quem falará? Claro que não os culpados e seus cúmplices. Se faltar nosso testemunho, num futuro nada distante os feitos da bestialidade nazista, exatamente por sua enormidade, poderão ser relegados ao rol das lendas. (LEVI, 2016, p. 3-4).

Em “Cinema e suástica”, por exemplo, Levi denuncia a produção de filmes nazipornô, pedindo aos produtores para deixarem em paz os campos de concentração femininos. Em “Um tempo que acreditávamos não voltar”, ele discute acerca de como os campos de concentração foram se infiltrando na sociedade e nos alerta para prisões e instituições da atualidade em que o processo de desumanização está latente. Em “O tempo das suásticas”, Levi se volta para o enfraquecimento da fala da Resistência, com omissão e preguiça ao transmitir aquela vida dura aos filhos. Nos escritos de Levi podem ser encontradas características de um observador, o qual associamos à cultura científica, de investigação. Esses exemplos nos parecem revelar características mais fiéis ao trabalho do cientista do que a imagem distorcida que ainda persiste (FINSON, 2002). Em palestras e apresentações que Primo Levi fazia, percebemos que ele não buscava despertar compaixão ou pena, mas fazer um relato lúcido e distanciado da melancolia (THOMSON, 2002).

Entre os textos da primeira parte, a Ciência também recebe a atenção de Levi, que a culpabiliza e resgata a sua dimensão política e econômica, partindo da sua experiência para exemplificar como a Ciência pode servir para respaldar preconceitos e atos desumanos. “Somos filhos da Europa onde fica Auschwitz: vivemos no século em que a ciência foi vergada e gerou o código racial e as câmaras de gás. Quem pode ter certeza de estar imune à infecção?” (LEVI, 2016, p. 5). Em suas declarações, Levi nos lembra que foram mãos humanas que estavam por trás da arquitetura mortuária de Auschwitz.

Depois de várias experiências, foi encontrado o método mais “rentável”, e o comandante Höss se vangloria disso em suas memórias: são as câmaras de gás, nas quais mais de mil humanos por vez, antes mesmo de ser registrados, são mortos com ácido cianídrico [...] (LEVI, 2016, p. 55).

Rudolf Höss foi um comandante alemão nazista que introduziu os testes com o pesticida Zyklon-B nas câmaras de gás; relatos sobre o seu processo de condenação e sobre o produto são descritos no relatório de Levi e De Benedetti (2015).

Nos artigos e ensaios da segunda parte de *A assimetria e a vida*, o autor discute sobre a sua própria profissão híbrida e opina acerca de assuntos históricos e científicos da sua atualidade, como em “O que pegou fogo no espaço”, em que discorre sobre o fracasso da missão Shuttle com a explosão de uma espaçonave e a consequente morte de astronautas, e como em “A peste não tem fronteiras”, sobre o acidente de Chernobyl.

Nesses textos, Levi traz a sua opinião sobre os fatos abordando temáticas sobre a ética na Ciência, como a valorização da vida humana. “Sacrifício útil ou inútil? Seria cínico fazer cálculos, mas uma resposta pode ser feita com certeza. A nave era menos segura do que foi proclamado [...]” (LEVI, 2016, p. 281). Assim, esses artigos podem contribuir para a desconstrução da imagem do químico como indivíduo neutro e apartado da sociedade, que não reflete a respeito dos problemas decorrentes da Ciência e seus “desdobramentos” tecnológicos (LEMES; PORTO, 2013).

## Conclusão

Neste trabalho, analisamos alguns artigos, ensaios e entrevistas de Primo Levi procurando construir o que teria sido a sua imagem pública no século XX, a qual pode trazer contribuições para a atualidade. Na sua posição de químico, escritor e sobrevivente de Auschwitz, que despertava a atenção da mídia, Primo Levi pode ter contribuído para uma imagem pública do químico menos estereotipada (MEAD; METRAUX, 1957; CHAMBERS, 1983; FINSON, 2002), mesmo que este não tenha sido um dos seus objetivos explicitados. A sua formação química e humanística e a sua experiência traumática na prisão nazista lhe proporcionaram a capacidade de debater e opinar sobre diversas temáticas da Ciência e da Sociedade. Em seus textos e falas, Levi transpassa o jaleco e a bancada para tratar de outras dimensões que não estão apartadas da Ciência, o que reforça a importância de se saber sobre a Ciência de forma integral e não apenas sobre os seus conteúdos (BEJARANO; ADURIZ-BRAVO; BONFIM, 2019). Por fim, a análise ainda revela as potencialidades de se trabalhar com a vida e a obra de Primo Levi em um contexto de ensino preocupado com essas questões.

## Agradecimentos e apoios

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de financiamento 001.

## Referências

- ÅHR, J. In the Shadows of the Swastika: Primo Levi on the ethics of chemistry. **Journal Of The Historical Society**, v. 11, n. 3, p. 327-350, 2011.
- BEJARANO, N. R. R.; ADURIZ-BRAVO, A.; BONFIM, C. S. Natureza da Ciência (NOS): para além do consenso. **Ciência & Educação**, v. 25, n. 4, p. 967-982, 2019.
- BRASIL, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), Resultados, **Atitudes e visões sobre C&T**. 2019. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/web/percepcao/home>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- CHAMBERS, D. W. Stereotypic images of the scientist: The Draw-A-Scientist Test. **Science Education**, v. 67, n. 2, p. 255-265, 1983.
- DRUKER, J. Introduction. *In*: DRUKER, J. **Primo Levi and humanism after Auschwitz: posthumanist reflections**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009.
- FINSON, K. D. Drawing a scientist: what we do and do not know after fifty years of drawings. **School Science and Mathematics**, v. 102, n. 7, p. 335-345, 2002.
- LEMES, A. F. G.; PORTO, P. A. Introdução à filosofia da química: uma revisão bibliográfica das questões mais discutidas na área e sua importância para o ensino de química. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 13, n. 3, p. 121-147, 2013.
- LEVI, P. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, P. **A Tabela Periódica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- LEVI, P. **Primo Levi: conversazioni e interviste 1963-1987**. Curadoria de Marco Belpoliti. Turim: Giulio Einaudi, 1997. *E-book*. Paginação irregular.
- LEVI, P. **A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- LEVI, P.; DE BENEDETTI, L. **Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LEVI, P.; REGGE, T. **Diálogo sobre a ciência e os homens**. Lisboa: Gradiva, 2012.
- LEVI, P.; SOAVE, I. **On the growing reception of Primo Levi's works worldwide**. 2020. Disponível em: <https://www.primolevi.it/en/growing-reception-primo-levis-works-worldwide>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- MACIERA, A. C. Primo Levi: a química entre literatura e ciência. **Caderno de Letras**, n. 34, p. 89, 2019.
- MAIA, C. De átomos e memórias: Il sistema periodico de Primo Levi. **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 11, n. 20, p. 27, 2017.
- MALEWITZ, R. Primo Levi's The Periodic Table: chemistry as posthumanist science. **Configurations**, v. 24, n. 4, p. 417-440, 2016.
- MEAD, M.; METRAUX, R. Image of the scientist among High-School Students, **Science**, v. 126, p. 384-390, 1957.
- MOTOLA, G. Primo Levi: The language of the scientist. **The Literary Review: an international journal of contemporary writing**, v. 31, n. 2, p. 203-210, 1991.
- THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. London: Hutchinson, 2002.

TOMAZI, A. L.; PEREIRA, A. J.; SCHÜLER, C. M.; PISKE, K.; TOMIO, D. O que é e quem faz ciência? Imagens sobre a atividade científica divulgadas em filmes de animação infantil. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 11, n. 2, p. 335-353, 2009.